

Da futilidade da história

VILEM FLUSSER

Das coisas que nos cercam poucas são herdadas. Poucas vieram até nós arrastadas pela correnteza das gerações e marcadas por ela. A grande maioria tem, pelo contrário, a marca do novo. Essa novidade das coisas que nos cercam é um característico que distingue o nosso ambiente dos anteriores. Antigamente (e compreendo com esse termo todas as épocas das quais tenho conhecimento), antigamente as coisas passavam de pai para filho, acumulavam-se nos baús e nos sótãos das casas camponesas e burguesas, enchiam salas e quartos. O camponês pisava o chão arado pelo pai, conquistado à natureza, em época imemorial, pelo antepassado. O filho herdava o ofício do pai, e com o ofício herdava os instrumentos. Ao casar, a moça tirava do baú o vestido de noiva que a mãe tinha guardado. O rio majestoso da história depositava coisas que eram vivenciadas, ora como tesouro, ora como cárcere, mas que condicionavam as vidas. A nossa época fez "tabula rasa". A nossa época deserdou-se.

Muitas causas desta mudança podem ser apontadas. A revolução industrial do século 19 varreu do campo europeu grande parte da população, para amontoá-la nas cidades novas. Nesse processo levou de roldão as oficinas antigas. A revolução agrária do século 20 transformou o campo europeu em lotes mecanizados. Parte da população emigrou para as Américas e perdeu, na travessia do Atlântico, muita coisa herdada. A explosão demográfica dos últimos 150 anos diluiu na massa dos herdeiros o tesouro acumulado. Mas todas estas causas, e outras, são secundárias e desprezíveis, se comparadas com esta: as coisas herdadas não cabem no nosso ambiente. As coisas novas que nos cercam não admitem a presença das antigas, porque são de espécie diferente. A diferença específica entre as coisas que nos cercam e as coisas que herdamos, a diferença específica entre presente e passado, é o tema deste artigo. Será levantada a tese que o passado não nos diz respeito. Será defendido o ponto de vista pelo qual o estudo da história deixou de ser atualmente, e pela primeira vez na história, uma atividade esclarecedora do presente. Será afirmado que houve uma ruptura na cadeia da história, uma ruptura em preparação em todo século 19, mas realizada nos anos quarenta do século 20. Enfim: será proposto que a nossa situação difere qualitativamente das situações anteriores, e que, um abismo a separa das suas predecessoras.

Considerem três exemplos: a energia atômica, o computador e o foguete. Outros podem ser escolhidos, mas estes três bastam. A energia atômica pode ser considerada como desenvolvimento histórico das energias animais, da energia do carvão, do petróleo e da eletricidade.

O tema é fundamentalmente um só: a natureza. O homem é um ser que manipula, no curso da sua história, a natureza que o cerca. Domestica animais e plantas. Canaliza rios. Constrói estradas e pontes. Combate doenças, enchentes e secas. Derruba florestas e fertiliza desertos. Represa cachoeiras e perfura montanhas. Impõe-se à natureza. O resto da história é apenas comentário complicado dessa atividade transformadora. Esse comentário complexo, todas essas guerras e revoluções, todas essas migrações e conquistas, todas essas religiões, filosofias, artes e ciências, têm o mesmo tema fundamental: a natureza. Na tradição ocidental esse tema é chamado "paraíso na Terra". É a conquista da natureza pelo homem, a humanização da natureza. É a época messiânica como meta da história, é a objetivização do espírito na natureza. Pois é este o tema que está esgotado. A natureza não é mais problema. O paraíso na Terra, a humanização da natureza, a época messiânica, a objetivização do espírito, estão a nosso alcance. Serão realizadas essas metas da história automaticamente, sem nenhuma interferência adicional do homem. A história no sentido tradicional está alcançando a sua meta, e não nos diz mais respeito.

As coisas novas que nos cercam, todos estes aparelhos e todas estas instituições, são muito mais precursoras do milênio que descendentes da busca. O espírito da história é nelas sufocado pela voz proclamando a boa nova. Mas o mesmo não se dá com as nossas mentes. Mentalmente participamos ainda do processo histórico, ainda pensamos historicamente. Há uma discrepância entre as nossas mentalidades e as coisas que nos cercam. O nosso ambiente já se está precipitando, furiosamente, em direção da plenitude dos tempos, e nos arrasta consigo. Mas mentalmente ainda nos agarramos a categorias, valores e conceitos que pertencem a um passado irremediavelmente superado. Essa discrepância entre o nosso pensamento e a nossa "realidade" faz com que não vivenciemos como "real" essa "realidade". Há algo de irreal na velocidade do foguete, no raciocínio do computador e na potência da bomba H, embora saibamos perfeitamente que é a esta irrealidade que devemos adaptar-nos, sob pena de sermos superados como seres históricos que ainda somos. Este é o nosso problema, e ele é inteiramente novo. O estudo da história nada nos ensina a este respeito.

O novo problema que surgiu com a ruptura da cadeia histórica está mascarado. Ainda restam grandes parcelas de natureza a serem conquistadas. Florestas tropicais, doenças endêmicas, fome e falta de habitação ainda parecem desafiar a humanidade. Grande

meios e os métodos para superá-los.

Uma observação mais profunda do nosso ambiente revela o problema novo. Mas a mente humana reluta em encarar-lo, porque se vê abandonada pela história na sua tentativa de solucioná-lo. A sabedoria acumulada das gerações se cala diante do novo problema. Os grandes pensadores do passado, os fundadores de religiões, os legisladores e filósofos, os sonhadores e os profetas, nunca estenderam as suas visões para além da "Civitas Dei". Mas nós somos cidadãos dessa cidade. Os nossos antepassados não viviam na correnteza da história, nutridos por ela e informados por ela. Mas nós ultrapassamos a história, e a herança dos nossos avós não nos diz respeito. É como se eles nos tivessem empurrado até aqui, mas tivessem nos abandonado à beira do abismo. Sentimo-nos traídos. Sós e abandonados, estamos lançados em meio das coisas novas, e é em nós mesmos que devemos encontrar uma solução, para que exista futuro.

O estudo da história como estudo dos feitos das últimas 200 (ou 5000) gerações é fútil, se nele quisermos encontrar soluções para o problema que nos oprime. E os ensinamentos que resultam desse estudo, os diversos historicismos, contribuem apenas para confundir as nossas mentes com anacronismos. Mas que outro estudo nos resta? Pode haver algo mais apaixonante, algo mais comovedor e inspirador, que o relato das glórias e das derrotas, das realizações e dos sofrimentos, dos nossos antepassados? A futilidade do estudo da história, da qual estamos surdamente conscientes, não lhe tira o encanto. E assim está surgindo uma nova atitude para com a história, que o termo "saudosismo" articula. Durante centenas de anos, durante a Idade Moderna toda, predominava o clima do progresso. O que está surgindo agora é o clima dos bons tempos passados. Nos países desenvolvidos cadeiras funcionais cedem lugar a cadeiras barrocas, estátuas góticas adornam os escritórios dos magnatas, e castelos medievais são transportados, pedra por pedra, para conservar a "autenticidade", para as margens do Hudson. O que este saudosismo procura fazer (e na rua Augusta existem lojas que lhe pagam tributo), é engolir a história e incorporá-la assim na atualidade. Não querem aceitar essas tendências o fato de que fomos deserdados. Os diversos historicismos que se precipitam em forma de livros e procuram influir no comportamento presente parecem-me em tudo equivalentes às portas barrocas nas residências no Jardim Europa. Não creio que a história possa assim ser revitalizada.

Rilke diz num poema terrível: "Jede dumpfe Umkehr"

der Welt hat solche Enterteile"

111-39

qual a energia. O computador pode ser considerado como fenômeno histórico no qual culmina uma tendência que se inicia com o ábaco romano. O foguete pode ser encarado como um aperfeiçoamento do carro de boi, do automóvel e do avião a jato. Mas esta maneira histórica de "explicar" os três instrumentos dados como exemplos não é significativa, porque deixa de "explicar" a qualidade inteiramente nova desses instrumentos. A energia atômica liquidou o trabalho físico no significado tradicional do termo. O computador liquidou o planejamento e a administração no significado tradicional do termo. O foguete liquidou a distância no significado tradicional do termo. Pelo enorme acúmulo quantitativo houve um salto qualitativo. Os três instrumentos considerados são fenômenos históricos, no sentido de terem resultado de tentativas de solucionar determinados problemas. Mas são fenômenos a-históricos, no sentido de terem solucionado esses problemas definitivamente. A história como tentativa de solucionar estes problemas não nos diz mais respeito. Os problemas da história não são nossos problemas. O estudo da história não verte luz sobre os nossos problemas, porque estes são qualitativamente diferentes. Todo historicismo filosófico, político e social é anacronismo. Todas tentativas de explicar e motivar o nosso comportamento historicamente, seja pela dialética histórica, seja pela psicologia da profundidade, seja por não importa qual critério histórico, ignora a ruptura na cadeia dos acontecimentos. Procurarei precisar essa ruptura.

A história da humanidade é o conjunto dos feitos pelos quais a espécie humana procurava impor-se à natureza. É uma história curta, se comparada com as épocas enormes que marcam a existência da vida sobre a Terra, ou mesmo com as que marcam a existência dos vertebrados. Um a umas 5000 gerações separaram-nos da origem da humanidade, e umas desprezíveis 200 gerações da origem da nossa cultura, da origem da história no sentido restrito. A árvore genealógica da humanidade é ramificada, mas o seu tronco é curto. A nossa história é curta, mas por ser nossa supomos que os seus temas são eternos. Com efeito,

e parece cinismo falar-se em meta da história alcançada. Mas é um engano. Os instrumentos já existem que aniquilarão essas regiões "subdesenvolvidas" pela sua transformação em "desenvolvidas", o que será feito automaticamente. E isto acontecerá com rapidez fulminante, da qual a transformação recente da Europa Ocidental é apenas pálido exemplo. O desnível entre as partes desenvolvidas e subdesenvolvidas da humanidade está atualmente aumentando, dando o avanço rápido das partes desenvolvidas, mas é um fenômeno passageiro. Por mais que alianças para o progresso e revoluções libertadoras atrapalhem a automaticidade do progresso da tecnologia, ela se imporá e liquidará com os restos da natureza. O estágio atual de transição mascara apenas o novo problema, porque apresenta ao observador superficial os problemas antigos dos quais a história trata. Mas são problemas falsos, porque já existem os

do tem estes deserdados). Terá havido uma reviravolta tão torpe como a nossa? Não na história da humanidade, se tenho razão com a tese que estou desenvolvendo. Estaremos talvez em ponto análogo àquele que foi alcançado ao ter surgido o primeiro homem? O profeta diz, ao falar na era messiânica, na meta da história: "sereis mudados". E' um dos poucos pronunciamentos que nos vêm do colo da história e apontam além do seu horizonte. Seremos talvez mudados? Talvez a tuba ressoará, nesse dia de ir, e seremos outros. Ou talvez a tuba já haja ressoado, e o mundo já haja se dissolvido em cinzas sem nos termos dado conta disto. O nosso senso de irrealidade talvez seja prova disso. Talvez já tenhamos mudado. Talvez já haja operado em nós uma mutação que, por não ter sido biológica, passou despercebida. São estas as considerações que a vivência da futilidade da história provoca.

Correspondência

N. da R. — A propósito do artigo "O Messias desengano", de Matias Arrudão, publicado neste Suplemento, a 23 de abril último, recebemos da Sociedade Antroposófica Brasileira a seguinte carta de esclarecimento:

"Sem querer discutir o conteúdo do artigo, cumpre-nos frisar que ele contém uma distorção dos fatos quando menciona nos seguintes termos a atitude de dr. Rodolfo Steiner, no que se refere a Krishnamurti.

"Além de Annie Besant, outros teosofistas, membros da Grande Loja Branca de Adeptos e Iniciados, como Rodolfo Steiner, e H. P. Blavatsky, espalhavam pelo mundo a grande nova. A Humanidade podia ser feliz porque tinha em seu seio o seu Salvador".

Na realidade, os fatos são os seguintes: Steiner tornou-se em 1902 membro da Sociedade Teosófica, tendo sido eleito no mesmo ano Secretário Geral da Seção Alemã, recém-fundada, dessa Sociedade. Steiner aceitou este cargo, reservando-se, porém, dentro da Sociedade Teosófica, a mais completa autonomia de ensinar, autonomia que lhe foi concedida. Desde o início Steiner ensinou que uma segunda encarnação de Cristo, após a sua existência humana em Jesus de Nazaré, no começo de nossa era, seria impossível, estando ainda em completa contradição com a essência do Cristianismo. Por este motivo, ele se opôs decididamente à declaração de Annie Besant que Krishnamurti seria uma reencarnação do Cristo. Ocorreram divergências de impor-

tância fundamental entre Annie Besant e Rodolfo Steiner culminando naquela a respeito de Krishnamurti. Em consequência, Steiner, e seus colaboradores na diretoria da Seção Alemã da Sociedade Teosófica, não podendo identificar-se com a idolatria absurda de Krishnamurti, exigiram em 1912 a demissão de Annie Besant como Presidente da Sociedade Teosófica, com sede em Adyar (Índia). Annie Besant ripostou cancelando o diploma de fundação da Seção Alemã da Sociedade Teosófica. Como resultado, Steiner e seus amigos em numerosos países do mundo inteiro fundaram, em 1913, a Sociedade Antroposófica cujo centro é o Goetheanum em Dornach (Suíça). Essa Sociedade cultiva e representa a Antroposofia, doutrina de conhecimentos espirituais de caráter cristão.

No trecho acima citado do artigo do sr. Matias Arrudão, Rodolfo Steiner é mencionado, junto com H. P. Blavatsky, como estando a favor de Krishnamurti, no sentido de Annie Besant; seja-nos, porém, permitido acrescentar que aqueles acontecimentos ao redor de Krishnamurti ocorreram a partir de 1910, enquanto H. P. Blavatsky já tinha morrido em 1891. Vê-se, pois, que também neste ponto o artigo não corresponde aos fatos".

Rev 10.0 n. 476 - 7/Maio/1966
SUPLEMENTO LITERÁRIO L' ESTADO DE
SÃO PAULO